ESHOJE®

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

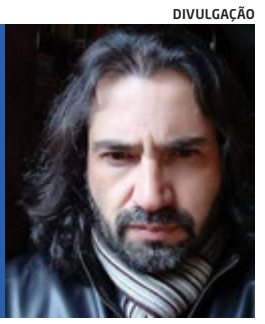
Vitória, 17 de novembro de 2026)) Ano XXV)) Nº 1427
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

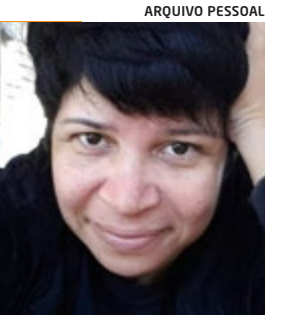
Quando rótulos se sobrepõem ao diálogo empobrece o debate)) 2



ARQUIVO PESSOAL

CULTURA

Galeria da Ufes celebra 50 anos formando artistas capixabas)) 4



Tuberculose ainda faz vítimas entre capixabas

Secretaria de Saúde do Espírito Santo registrou 113 mortes e 1.916 casos em 2025; sintomas discretos e interrupção do tratamento dificultam combate)) 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



DARTAGNAN DA SILVA ZANELA

À procura de uma clareira

Muitas coisas são capazes de empobrecer e perverter o debate político, mas não há nada mais maquiavelicamente perverso do que fixar um rótulo infame no adversário — como nazista, fascista, machista, racista e tutti quanti —, pois, quando se adota esse tipo de procedimento, desumaniza-se o oponente, inviabilizando qualquer possibilidade de debate e entendimento.

É o chamado reductio ad Hitlerum que, de forma cínica, associa todos aqueles que discordam de seus postulados políticos ao Adolfo Bigodinho do Satanás para descredibilizar perante a opinião pública a imagem do opositor e, desta forma, poder contabilizar para si o "monopólio das virtudes", como bem lembra o filósofo Leo Strauss.

Um exemplo que ilustra claramente esse empobrecimento do debate público é a forma como se está discutindo o "boicote" como sendo uma prática típica de nazistas. E o mais interessante é o ar condescendente com que algumas pessoas dizem isso, como se estivessem dando uma aula de história e civilidade para a galera 'galerosa' nas redes sociais. Mas a pergunta fica em aberto: é ou não é uma prática exclusiva dos nacional-socialistas? Bem, vamos por partes.

Para começo de prosa, a prática de boicotes é tradicionalmente empregada como uma estratégia de luta política não violenta que foi defendida por vários filósofos e empreendida por várias lideranças políticas no correr da história. O primeiro que eu destacaria seria Étienne de La Boétie, em seu livro Discurso da servidão voluntária — aliás, o primeiro livro de filosofia política que li em minha porca vida. Mas a referência mais importante sobre esse tema, com toda certeza, foi Henry Thoreau que, em seu livro A desobediência civil, defendia esse tipo de prática como uma estratégia política legítima.

Atualmente, destacaria um autor em particular que advoga em favor de estratégias de luta não violenta e o faço porque suas obras merecem ser lidas. Refiro-me a Gene Sharp, principalmente ao seu livro Da ditadura à democracia, que deveria ser uma leitura obrigatória, tendo em vista que ele lista e explica uma série de táticas de desobediência civil que podem ser utilizadas de forma legítima para enfrentar uma tirania, nos casos mais severos, ou contra medidas indesejáveis, em situações menos drásticas.

Detalhe importante que eu já estava me esquecendo: o senhor Thoreau é singular porque influenciou diretamente lideranças políticas como Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr. em suas lutas. Bem, a esta altura do campeonato, alguém ainda teria a desfaçatez de afirmar que esses cavalheiros estavam fazendo cosplay de fascistas ou de qualquer tranqueira similar? Imagino que não; e, por isso mesmo, pergunto: dá para entender por que essa mania de rotular de forma infame os adversários apenas empobrece pra caramba qualquer debate?

Se houvesse um ambiente político saudável em nosso país, ao invés de ficar rotulando os indivíduos de nazistas por defenderem o uso de uma tática não violenta de ação política, perguntar-se-ia se o uso desta tática é legítimo, proporcional e necessário. Aliás, quando a esquerda, há não muito tempo, usou esse mesmo estratagema contra algumas empresas que haviam apoiado seus adversários políticos, foi um uso necessário, proporcional e legítimo?

E verdade seja dita: atualmente estão circulando listas de boicote de direita, de esquerda, do avesso, tico-tico no fubá, enfim, temos listas para todos os gostos e, diante de todas elas, o questionamento é o mesmo.

Por essa razão, sempre é bom lembrarmos a advertência de George Orwell, que dizia em seu ensaio O que é fascismo? Que essa mania de chamar todo mundo de fascista — que impera no Ocidente desde a primeira metade do século passado — acabaria levando as pessoas a perderem a capacidade de reconhecer as características próprias do fascismo e de identificar um Estado totalitário, mesmo estando sob sua batuta. Ou, como afirmou sarcasticamente o escritor italiano Ignazio Silone, que num futuro não muito distante o fascismo retornaria, mas com o nome de antifascismo.

Enfim, esses são alguns dos fatos que, penso eu, todos nós deveríamos ponderar com muita seriedade e serenidade.



ESHOJE
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcoutinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Alencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Pedro Rocha
PH Caetano

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:
/eshoje
@eshoje
eshoje
eshoje

Tuberculose desafia diagnóstico e tratamento

Estado registrou 1.916 casos e 113 mortes em 2025; diagnóstico tardio preocupa especialistas

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

A tuberculose provocou 113 mortes e teve 1.916 casos registrados no Espírito Santo em 2025. Embora os óbitos tenham diminuído 22,6% em relação a 2024, quando foram contabilizadas 146 mortes, os diagnósticos aumentaram 1,8%. Os dados da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) mostram que a doença continua sendo um desafio, mesmo com exames e tratamento gratuitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo o Relatório Global de Tuberculose 2026, da Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 10,6 milhões de pessoas desenvolveram a doença em 2025, com 1,13 milhão de mortes. Cerca de 2,2 milhões ficaram sem diagnóstico ou registro nos sistemas de saúde.

Para a pneumologista Jéssica Polese, um dos principais obstáculos está na identificação da doença, que pode evoluir lentamente, sem despertar preocupação imediata.

"A tosse costuma ser o primeiro sintoma, mas nem sempre chama a atenção. Inicialmente, pode ser seca e, com a evolução da doença, apresentar secreção. O problema é que essas manifestações não são exclusivas da tuberculose", explica.

Uma tosse persistente pode ser confundida com bronquite, asma ou infecção viral. Na população geral, o sintoma por três semanas ou mais exige investigação, mesmo sem febre, suor noturno ou emagrecimento.

"Alguns pacientes apresentam praticamente só a tosse e continuam trabalhando e realizando suas atividades normalmente. Por isso, a investigação não deve depender daquele quadro clássico que muitas pessoas associam à doença", alerta.

Sem tratamento, a infecção pode comprometer os pulmões, provocar sangramentos e deixar sequelas. A pessoa com tuberculose pulmonar transmissível também pode espalhar a bactéria pelo ar, especialmente em ambientes fechados e pouco ventilados.

DIVULGAÇÃO



> "Não podemos transformar a tuberculose em um diagnóstico exlusivo da pobreza"
>
> **Jéssica Polese,** pneumologista

DIAGNÓSTICO X PRECONCEITO

Outro obstáculo é a ideia de que a tuberculose atinge exclusivamente pessoas em situação de pobreza. Embora desnutrição, moradias superlotadas e dificuldade de acesso à saúde aumentem os riscos, a doença pode atingir diferentes classes sociais.

"Precisamos reconhecer os fatores sociais sem transformar a tuberculose em um diagnóstico exclusivo da pobreza", afirma Jéssica.

Pessoas com diabetes, imunossupressão ou que fumam também apresentam maior vulnerabilidade. O preconceito pode levar pacientes a esconder sintomas ou evitar atendimento por medo da reação de familiares e colegas.

"Alguns pacientes têm medo de perder o emprego, sofrer rejeição da família ou serem tratados como se representassem um perigo permanente para as pessoas ao redor", relata.

A médica lembra que a tuberculose não é transmitida por apertos de mão, abraços ou compartilhamento de talheres. O contágio ocorre pelo ar, a partir de pessoas com a forma pulmonar ou laríngea transmissível.

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



Diagnóstico precoce da tuberculose aumentam chances de cura sem sequelas

Melhorar não significa estar curado

O TRATAMENTO é gratuito pelo SUS e, na maioria dos casos, dura pelo menos seis meses. Uma das dificuldades é garantir que o paciente continue tomando os medicamentos mesmo depois da melhora.

Segundo Jéssica, a tosse e o cansaço costumam diminuir nas primeiras semanas, mas isso não significa que todas as bactérias tenham sido eliminadas.

"Quando ele melhora, pode achar que não precisa continuar, mas justamente nessa fase é fundamental manter o tratamento até o fim", explica.

A interrupção pode permitir que a bactéria volte a se multiplicar e favorecer a resistência aos medicamentos, tornando o tratamento mais complexo.

Segundo a OMS, aproximadamente 370 mil pessoas desenvolveram tuberculose resistente à rifampicina em 2025, mas apenas 42% receberam tratamento.

A pneumologista ressalta que nem toda interrupção provoca resistência, mas o uso irregular dos medicamentos aumenta o risco de falha terapêutica. Quem deixou de tomar as doses deve procurar a equipe de saúde para reavaliação, em vez de reiniciar o tratamento por conta própria.

Para Jéssica, é necessário ampliar o diagnóstico nas unidades básicas, facilitar o acesso aos exames e acompanhar os contatos próximos dos pacientes.

"O paciente não pode ficar perdido entre o diagnóstico, o início do tratamento e o acompanhamento", conclui.

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



Tosse por mais de três semanas deve ser investigada

> "A tosse costuma ser o primeiro sintoma, mas nem sempre chama a atenção"
>
> **Jéssica Polese,** pneumologista

Fique atento

Quando procurar atendimento: tosse por três semanas ou mais, mesmo sem outros sintomas. Febre no fim da tarde, suor noturno, cansaço e perda de peso também merecem atenção.

Onde buscar ajuda: nas unidades básicas de saúde, que podem iniciar a investigação e encaminhar para exames.

Como é o tratamento: gratuito pelo SUS, geralmente por pelo menos seis meses. A medicação não deve ser interrompida sem orientação da equipe de saúde.

Como ocorre a transmissão: pelo ar, a partir de pessoas com tuberculose pulmonar ou laríngea transmissível. Não ocorre pelo compartilhamento de talheres ou pelo contato físico habitual

Galeria da Ufes celebra 50 anos com mostra de arte

A comemoração de meio século de história da GAP conta com exposição de Attilio Colnago

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (GAP/UFES) inaugura no dia 17 de novembro, às 18 horas, a exposição "Lugar que habito – natureza e alquimia", individual do renomado artista e professor Attilio Colnago. O evento marca oficialmente as celebrações dos 50 anos de trajetória da instituição, criada em junho de 1976 na histórica Capela Santa Luzia, na Cidade Alta, em Vitória, como a pioneira no circuito de arte contemporânea do Estado.

A mostra reúne pinturas, desenhos, objetos e instalações focados no resgate de pigmentos e técnicas tradicionais de tintas, apresentados ao lado de produções de nove artistas integrantes do Atelier Attilio Colnago. A investigação poética articula-se em dois eixos principais: o apelo ecológico da natureza mesclado a memórias afetivas, históricas e políticas do autor; e a dimensão espiritual, evocando protetores das religiões de matriz africana e o sincretismo com santos católicos. O fazer alquímico traduz-se no uso rigoroso de fórmulas clássicas como têmpera de ovo, caseína, guache e encáustica, em diálogo conceitual com a ecologia integral expressa na Carta Encíclica Laudato Si, do Papa Francisco.

ARQUIVO PESSOAL



> “Como comemorar? ttílio é um artista e docente que emerge de imediato em nosso imaginário”

Docente no Centro de Artes da Ufes por mais de quatro décadas, Colnago coordenou o Núcleo de Conservação e Restauração entre 1993 e 2018. Ao longo de cinco décadas, a GAP consolidou-se como espaço seminal de pesquisa, formação de acervo e difusão de jovens talentos e nomes internacionais. Na entrevista a seguir, a coordenadora da galeria, Claudia França, analisa o meio século do espaço e a relevância do legado de Colnago.

ES Hoje: Como coordenadora, quais são os maiores desafios para manter a GAP funcionando?

Claudia França: São desafios próprios deste tempo e desafios oriundos do passado. Os herdados provêm da ausência de efetiva política cultural nos governos Temer e Bolsonaro (2016 a 2022), com um rápido desmantelamento da educação e das culturas nacionais, que sentimos na diminuição de verbas para projetos e para a gestão do espaço físico. Oito ou doze anos são insuficientes para reconstruir o que foi destruído em seis. Na GAP, é evidente a dificuldade de gestão do espaço físico: é preciso organizar áreas para administração, guarda de acervo, equipamentos, cozinha e banheiros e, sobretudo, criar condições dignas de acessibilidade. É preciso pintar a galeria a cada exposição, reconstituir o sistema elétrico, alarmes e sinalização, renovar equipamentos. Urge um projeto acústico. Atualmente, temos 2 estagiários bolsistas e contamos com estudantes voluntários para mediação e montagem. Tudo isso necessita de verba.

A movimentação é impactada demais, então...

O outro desafio é ampliar as visitações e a participação em atividades de formação, tornando a GAP parte do cotidiano de quem participa ou não da vida acadêmica. Esses desafios podem desacelerar iniciativas do Conselho da GAP, mas não impedem o esforço de um grupo maior, interessado em uma mudança de mentalidade quanto à importância das culturas.

DIVULGAÇÃO



Attílio Colnago faz parte da história da GAP como artista e também como professor

Por que escolher Attílio Colnago e o ateliê dele para celebrar o cinquentenário?

Como comemorar os 50 anos da GAP e os 25 anos no atual espaço físico? Escolhendo um representante que tenha vivenciado essas fases. Attílio é um artista e docente que emerge de imediato em nosso imaginário. Vivo e trabalho em Vitória há 10 anos, passei pouco tempo como colega efetiva de Attilio como docente. Mas esse pouco me fez perceber nele uma direção deliberada e incansável, seguida com firmeza e suavidade, sensibilidade e paixão.

Além disso, Attílio Colnago tem uma história com a GAP...

Ele, tendo como guia o mineiro Herculano Ferreira, pesquisou os pigmentos minerais de diversas regiões do Espírito Santo e sua aplicação em tintas, o que levou à criação da disciplina META, ainda vigente na graduação em Artes Visuais, e do Núcleo de Conservação e Restauração da UFES.

ATTÍLIO COLNAGO



Òsun, de 2022, é uma das obras que estará na mostra da GAP

Mas foi como vice-diretor do Centro de Artes que veio talvez sua iniciativa mais importante: ocupar o atual sítio da Galeria, entre 2000 e 2001, um espaço sem reboco e com piso grosseiramente assentado, antes destinado a um restaurante. Ele e um funcionário da época, Wellington Pereira, foram melhorando o local, enquanto Attílio convidava artistas mineiros a exporem ali, mesmo com a galeria não terminada. Primeiro coordenador do espaço no Campus Goiabeiras, sua atuação como artista, professor, pesquisador e gestor confunde-se com a história da GAP.

Do que a GAP precisa para continuar formando artistas nos próximos 50 anos?

Não saberia responder, a contento, a esta pergunta. Prefiro sorrir para Clarice Lispector. No início de Perto do coração selvagem (p. 24), uma aluna pergunta à professora: “Queria saber, depois que se é feliz, o que acontece? O que vem depois?” e a resposta foi: “Pegue um pedaço de papel, escreva essa pergunta que você me fez hoje e guarde-a durante muito tempo. Talvez um dia você mesma possa respondê-la de algum modo.”